

Leia aqui: frontispício, testemunhos, prefácio e capítulo

Livro Primeiro de Ataliba

**Que em São Paulo é
Doutor em Paulicéia
(*magna cum laudae*),**

**benemérito
arauto da ressurreição
para mulheres
mal-amadas,**

**e Reiniciador-mor de
maduras redonzelas**

TESTEMUNHOS

“Dívida de gratidão, seu moço, dívida difícil de pagar. Nem tudo o que eu fizer por ele chega pra retribuir o bem que ele me fez. Olhe, eu estava praticamente morta, morta por dentro, sabe? Eu estava resignada a virar uma velha, me sentindo moça ainda, desencantada de tudo, desiludida de homem, descrente da vida. Ah, eu lhe digo que não tem coisa mais triste, mais murcha, que mulher mal-amada. Ah, Ataliba, meu salvador!”

Nezinha do Brás – renomada manicure e destrambelhada carola

“Que coração de ouro! Para mim, foi a diferença entre a morte e a vida. Me fez voltar a viver, será que é pouco?”

Solange Sacoleira – comerciante internacional

“Devo a ele a saúde a felicidade do meu filho. Pode uma mãe sentir mais gratidão por alguém neste mundo?”

Dona Amanda de Sousa e Alvarenga,
sofrida mãe de um jovem drogado

“Ah, minha nega, aquilo numa cama é o Tinhoso, é o Cão em pessoa! Ah, se eu pudesse fazer esse capeta ficar só pra mim!”

Sebastiana, nobre doméstica de Dona Amanda

“Você tem o defeito da Lua, que a todos encanta e não é de ninguém”

Velho bolero popular

Prefácio

Confesso que já li prefácios adoráveis. É maravilhoso ver um personagem conhecido, daqueles que são realmente fazedores de opinião, de preferência uma autoridade, escrever um par de páginas tecendo elogios ao autor e a seu livro. Extrair uma frase forte desse texto e imprimi-la na última capa do mesmo é uma quase garantia de sucesso e vendagem.

Meu editor, um mercenário sanguessuga e mesquinho, exigiu-me, como uma de suas muitas draconianas condições para que aceitasse publicar este livro, que eu lhe arranjasse esse tipo de testemunho de um famoso qualquer. Não sei por que cargas d'água, o homem encasquetou que tinha que ser uma personalidade do sexo masculino: *Olhe lá, mulher não serve!*

Pudera, eu sempre achei que esse pernóstico é um machista miserável. Azar meu, pois eu poderia conseguir o testemunho de minha mãe, que, afinal, é diretora de uma escola municipal em Faxinal do Soturno, no Rio Grande do Sul, uma autoridade da educação, portanto.

Confesso também que escrevi eu mesmo um prefácio adorável, daqueles cheios de elogios ao autor. Tenho certeza que, ainda que com certa dificuldade, poderia convencer minha mãe a assiná-lo, tendo, na certa, que pagar-lhe uma quantia em dinheiro. Mas, mãe é mãe e o preço seria de mãe para filho; além disso, eu tenho certeza que ela me facilitaria o pagamento em até seis prestações, desde que eu concordasse, é claro, com os seus juros, que remédio!

Mas com a exigência do meu editor – um unha-de-fome que me fez assinar o contrato mais leonino que eu já vi ser enfiado goela abaixo em um escritor desesperado, a ponto de o adiantamento ser pago em cestas básicas e, assim mesmo, somente duas – fui obrigado a sair a campo para conseguir um prefaciador famoso. Um homem!

Bem, não foi fácil. Começa que nenhum famoso quis me receber. E, dos quatorze a quem enviei o manuscrito do meu livro, não recebi jamais qualquer resposta. Consegui, a caro custo, cair nas boas graças da empregada de um deles, pedindo-lhe que rastreasse meu manuscrito no escritório do douto senhor. Mas tudo o que obtive foi a informação de que ele estava, com envelope e tudo, servindo de calço a uma velha mesa de pernas desconjuntadas.

Ao penúltimo endereçado, resolvi fazer eu mesmo um cerco indireto. Indireto, porque se baseava em observações levadas a efeito do lado de fora da casa do nobre acadêmico estadual. Como eu receava, encontrei meu material, dias depois, na lata de lixo do safado. Ofendido, retirei-o dali e fui negociar minha derradeira alternativa: um poeta bêbado que já tivera dois livros publicados, há coisa de vinte anos, antes da decadência. Caramba, era melhor do que nada! Aceitei pagar toda a enorme quantia que o abusado me pediu, embora ele se recusasse terminantemente a ler meu livro (*Não tenho saco pra isso, pague que eu assino qualquer porcaria, pô!*). Mas, imagine só, meu editor, o bestalhão, não aceitou o vate como meu prefaciador.

Aí entrei em desespero e escrevi esta peça aqui como desabafo. Pois o doido do editor viu, adorou e resolveu colocá-la como prefácio do livro. Perguntei se ele não se ofendia com os meus termos e ele disse que sim. Chamei-o de masoquista e ele concordou. Durma-se com um barulho desses!

O autor

LOLITA DE ARACAJU e ATALIBA, Um Paulistano Feliz

Estes dois livros são interligados pelo personagem *Maria Clara Gueiros*, paulista da cidade de Brotas que vai se radicar em Aracaju com o nome de **Lolita**. Nezinha é a esposa maltratada, traída e abandonada de Olinto, o boçal, tio das meninas Maria Clara e Luisinha. A história que é narrada no início de **LOLITA DE ARACAJU**, capítulo *Olinto, tio e amante* (*disponível neste site*), se biparte neste ponto. Segue em **LOLITA** contando a saga da menina em terras nordestinas até se tornar riquíssima dona de bordel. E segue em **ATALIBA** narrando as agruras de Nezinha, depois de abandonada e trapaceada por Olinto. Nesse contexto é que lhe aparecerá Ataliba, o redentor das mulheres mal-amadas, sua “*redonzelas*”, mulheres amarguradas por experiências amorosas traumatizantes, que, no dizer de Mestre Ataliba, “*voltam a desenvolver um hímen – desta vez na alma – que é o mais difícil de tirar, pois exige grande perícia, muita tática, maior técnica, indizível cortesia, incansável carinho, incomparável paciência.*”

As duas histórias se separam na *página 34* de **ATALIBA**:

.....

Nezinha adorou. Estava, num passe de mágica, livre do estropício, do monstro, do peidorreiro, do mulherengo, do grosso. A casa de comércio agora era dela, haveria de aprender a gerenciá-la e a tirar dela sustento para uma vida muito melhor. Estava livre da falsa da sobrinha mais velha do marido, ficava-lhe a mais jovem, de boa índole, a quem se afeiçoara bastante, pobre vítima do tio monstruoso. Assim não ficaria sozinha e a vida das duas se tornaria muito mais folgada e agradável. Foi dessa forma que, da noite para o dia, Nezinha se viu comerciante de secos e molhados.

E Olinto foi parar, com a sobrinha-amante, na Praia do Francês, em Alagoas, vinte quilômetros ao sul de Maceió. Alugou uma casa de temporada, para ele e para a “*filha mais velha*”. A esposa viria depois, assim que tivesse terminado de liquidar os vários negócios da família em São Paulo. Havia muito capital em jogo e talvez isso demorasse vários meses até se completar. Mas Olinto viera na frente, com aquela filha preguiçosa, que não queria saber de escola, paciência.

(*Página 35 do livro*):

Nezinha comerciante

Nezinha agora era uma mulher livre. O tirano estava para sempre fora de sua vida. Fugira sabe-se lá para onde. E nem interessava saber: o certo é que ele jamais poderia retornar, pois o material contra ele era por demais incriminador.

Fez suas contas: quinze anos de submissão e horror. Dez anos só com o estropício, mais cinco com as duas meninas, sobrinhas dele. A primeira e mais velha, Maria Clara, saíra-lhe uma bela putinha! Literalmente bela, literalmente puta. Enroscada com um tio trinta e três anos mais velho do que ela e, segundo o material do detetive, se dando a todos os desfrutes e descaramentos com o maior deleite, tomando iniciativas, falando e gemendo como uma louca alucinada. Pois a sem-vergonha não havia passado mais de dois anos aprontando de um tudo com o tio, dentro da própria casa de Nezinha, dentro do armazém, sabe-se lá em que outros lugares?

Ainda bem que o safado havia levado aquela bisca embora com ele. Que fossem para o diabo, para o quinto dos infernos, para a puta que os pariu! Era isso o que Nezinha queria: que se danassem os dois, quebrassem a cara, fossem muito infelizes. Ele que se desse mal em tudo o que fizesse, ela que enfiasse os cornos nele – era só uma questão de tempo, uma putinha novinha daquelas não ia ficar muito tempo com um coroa ignorantão feito ele.

E Nezinha se surpreendia, volta e meia, a imaginar o marido encornecido e desesperado. Ah, mas isso havia de acontecer, Deus não poderia falhar com ela agora. Quinze anos! Quinze anos de sua vida botados fora com aquele estrupício, aquele maldito, aquele, aquele... Ah, mas Deus havia de mandar um castigo bem grande para ele! Que fosse corno, que a vagabundinha fizesse o maledeto gastar até o último tostão que tivesse levado e o enchesse de cornos na frente de todo mundo. Ah, Deus é pai, isso tinha que acontecer bem assim, bem assim!

Por outro lado, tinha Luisinha, uma menina de ouro, a sobrinha mais nova do lazarento, que havia denunciado todo o esquema do papa-sobrinhas. Luisinha ficava-lhe como a única lembrança boa de sua vida lascada ao lado daquele porcalhão. Era meiga, simples, sem afetação, bonitinha sem ser chamativa, uma gracinha de menina. E, além do mais, tinha um gênio tão bom!

Desde a chegada em sua casa, ao mesmo tempo em que Maria Clara lhe apresentara uma inesperada rejeição, Luisinha havia demonstrado uma genuína apreciação e um evidente afeto pela tia. Nezinha tinha então apenas vinte e oito anos, mas sua alma lhe pesava com a idade de uma múmia das pirâmides. O afeto de Luisinha a fez renascer das cinzas. Tinha enfim companhia em casa e tinha uma pessoa a quem podia se dedicar de verdade, deixar seus bons sentimentos fluírem enfim.

Foi assim desde o princípio, sobrinha e tia em completa comunhão. A menina foi ficando cada vez mais apegada a Nezinha e demonstrando uma crescente reserva com o tio, aquele boçal. Com o tempo, tornaram-se amigas e cúmplices, juntas jogavam jogos, assistiam novelas, faziam juntas os deveres de escola da menina. Ah, como a vida de Nezinha havia mudado para melhor! Depois de alguns meses a garota começou até mesmo a dormir no quarto da tia, na cama de casal. Isso era maravilhoso para Nezinha, pois, além de ter uma companheira querida, a presença da menina no quarto era uma garantia que o cafajeste não viria incomodá-la à noite com aquele negócio duro, que só servia para perturbar e emporcalhar.

Aliás, depois de algum tempo com as meninas em casa, as visitas noturnas do marido foram se tornando tão raras que, quando elas cessaram em definitivo, Nezinha não chegou a associar o fato com algo que tivesse a ver com as sobrinhas. Para ela, isso se deveu somente à profilática medida preventiva que era a presença de Luisinha na cama de casal.

Mas Nezinha não podia estar mais errada. Na verdade, as ausências do marido eram devidas exclusivamente à sua presença no quarto das meninas, onde Maria Clara reinava sozinha, já que Luisinha definitivamente viera viver e dormir no quarto da tia. Era Maria Clara, com sua explosiva fofosidade, que mantinha aquele sátiro suficientemente satisfeito a ponto de nada sobrar para levá-lo a perturbar o conforto e a higiene da esposa.

Porém, quando Luisinha fez seus treze anos, a tia notou que ela estava mudando muito. Percebeu que ela estava se aproximando muito de Maria Clara, que as duas viviam agora aos cochichos. Depois de algum tempo, Luisinha começou a dormir algumas noites por semana no quarto que era delas. Nezinha ficou muito preocupada: a influência de Maria Clara não poderia ser algo de bom para a irmãzinha, aquilo não prestava, estava na cara, pois vivia sempre às voltas com o tio, cuidando dele, esperando que

ele chegasse à noite do trabalho, esquentando-lhe o jantar, conversando com ele horas a fio. Ora, como podia prestar uma pessoa, qualquer pessoa, que demonstrasse que gostava daquele animal?

Contudo, após mais alguns meses, Nezinha pôde se tranquilizar. A menina mais nova, sua sobrinha do coração, começou a evitar a irmã e o tio, voltou a dormir exclusivamente no quarto e na cama da tia. Mas começou a se mostrar calada, insegura, chorosa. Algo de muito sério havia acontecido, era evidente. O que será que aqueles dois patifes tinham aprontado com sua menininha? Nezinha estava disposta a saber, ali naquele mato tinha coelho. Começou a apertar Luisinha e, em pouco tempo, venceu sua resistência. Um belo dia a garota explodiu num choro que não havia como pará-lo. Levou um tempo enorme para se acalmar um pouco, um mínimo que lhe permitisse falar.

Foi então que ela se ajoelhou e começou a pedir perdão para a tia querida, a declarar-se indigna, traidora, canalha. E, para surpresa total da ingênua Nezinha, contou que, já há algum tempo, vinha recebendo o tio na sua cama, lá no quarto das meninas. Recebendo?! Sim, recebendo entre as coxas. Não era mais virgem, o tio havia papado o seu cabaço, da mesma forma que o fizera muito antes com Maria Clara, segundo supunha.

Nezinha ficou chocada, sem palavras, sem ação. Então Luisinha contou como Maria Clara a havia induzido, aos poucos, a se interessar por coisas de sexo, mostrando-lhe material pornográfico que trazia da escola, contando-lhe suas próprias experiências de observadora de um casal de amantes quando tinha menos de dez anos de idade. Depois disso, notando o crescente interesse de Luisinha, Maria Clara a levava para juntas expiarem o tio tomando banho, ocasião em que a menina mais moça viu, pela primeira vez, um homem nu e de membro duro. Finalmente a irmã havia preparado tudo: aproveitando uma das noites de Luisinha no quarto delas, chamou o tio mais uma vez e a fez sentar no colo dele, levando-a e sentir aquela coisa quente e dura na sua bunda, nas suas coxas. O tio começou a acariciá-la e Maria Clara saiu dizendo que tinha esquecido de tomar banho.

Quando o tio levantou, com aquele volume pontudo saliente na roupa, e fechou a porta com a chave, Luisinha sentiu uma enorme excitação e não opôs qualquer resistência à arremetida do homem entre suas coxas, minutos depois. Mas isso foi só até começar a sentir dor. Nesse momento, ela se contraiu e começou a lutar para impedir a penetração. Só que o homem era muito mais forte, imobilizou-a e ignorou seus rogos e lágrimas. Entrou dentro dela com violência, de uma só vez, moveu-se algumas vezes para dentro e para fora e, muito rapidamente, urrou, fez uma cara esquisita e, ato contínuo, saiu de dentro dela, deu um salto para fora da cama e foi embora sem calças, segurando aquilo com uma das mãos e levando o resto de suas roupas na outra.

Foi um horror para Luisinha. Toda a curiosidade, toda a excitação que vinha crescendo dentro dela dia a dia, se transformaram em decepção e mágoa. Decepção com o egoísmo daquele homem insensível e brutal, que não respeitara o seu medo e o seu não. E mágoa, muita mágoa, com a irmã mais velha, que a havia preparado pacientemente para isso, para entregá-la ao desejo do tio. Foi só então, naquela noite de desilusão, sentindo-se traída e usada, que Luisinha se deu conta de todo o quadro, que Maria Clara devia ser amante do tio há muito tempo (há mais de dois anos, ficou-se sabendo depois).

Na outra manhã, antes que a irmã acordasse, Luisinha foi se enfiar, chorando baixinho, na cama da tia e nunca mais voltou a dormir no quarto das duas. Mesmo assim, havia momentos em que o tio a pegava de jeito, fazendo-a sentir a premência do seu desejo, Nessas ocasiões, Luisinha morria de medo que a tia percebesse algo, não tinha coragem de gritar e resistir, deixava-se levar para a despensa, para o quarto delas em pleno dia, para o quartinho de costura, para a garagem e ali, muito rápido, o homem começava e acabava a coisa, quase mecanicamente. Luisinha não abria a boca para nada, não dizia um

ai. Mas ficava cada vez mais apavorada com o tio. Ansiava desesperadamente por uma maneira de livrar-se para sempre daquele assédio sempre tão desrespeitoso quanto desagradável.

Depois, procurando ler sobre essas coisas nas revistas e livros, começou a morrer de medo de estar grávida ou vir a ficar. E foi no meio dessa tempestade da alma, em que misturava sentimentos de mágoa, revolta, medo de gravidez e medo da reação da tia se ficasse sabendo, que Nezinha conseguiu extrair de Luisinha a surpreendente e horrorosa revelação.

No primeiro instante a tia se viu tão chocada com tudo que ficou como que paralisada. Podia esperar qualquer baixeza vinda daquele troglodita, mas que ele pegasse as próprias sobrinhas dentro de sua própria casa era algo que nunca lhe passaria pela cabeça. Ficou muito desapontada com a atitude de Luisinha, deitando-se com aquele nojento que, fosse como fosse, era marido da tia. Os remorsos que a menina dizia vir sentindo desde o começo eram para serem sentidos mesmo. Onde já se viu, Nezinha a tratara com todo amor e consideração e aquela viborzinha a apunhalara pelas costas, tendo relações com o marido dela.

Ainda bem que o choque a manteve paralisada durante alguns minutos. Não fosse isso, e Nezinha iria fazer bobagem. Chegou a ter impulso de esbofetear a garota, dizer-lhe um montão de improperios, mostrar-lhe – e à sua irmã, a bandida – a porta da rua. Mas depois caiu em si e viu o ridículo que seria fazer aquilo com Luisinha. Pois a menina não lhe havia contado tudo, não havia afirmado que iria fazê-lo de qualquer jeito, que não agüentava mais a pressão do remorso e que só não o fizera antes por medo da reação da tia? Tentou imaginar-se no lugar da menina e acabou por sentir pena dela.

Pobrezinha, uma criança ainda, induzida e envenenada pela irmã mais velha, aquela sim uma perdida, uma ordinária, amante do tio de caso pensado, satisfeita da vida, uma putaça, uma vadia! Pois a vagabunda não havia preparado tudo até levar a irmãzinha a aceitar o imbecil na cama dela? E o brutamontes, ante a recusa final da garota, não a tinha forçado, estuprando-a pura e simplesmente? E ainda voltava de vez em quando à carga, apavorando a pequena, forçando-a a se entregar outras vezes, sempre contra a vontade dela?

Não, aquela não era uma ordinária como a irmã mais velha, aquela ainda era sua Luisinha, sua menina fofa, a filha que Deus lhe trouxera um dia, para dar companheirismo e encantamento a sua vida. Não, Nezinha não se voltaria contra sua criança, seria muita baixeza e muita injustiça de sua parte. Bastava o que aquela menina já tinha sofrido e estava sofrendo. Era evidente que ela detestava as coisas que Olinto fazia com ela, assim como era evidente que ela detestava o próprio Olinto, exatamente por causa do que este lhe fizera e seguia fazendo.

Pensando assim, quando Nezinha conseguiu em fim abrir a boca para dizer algo, abriu também seu braços e acolheu dentro deles aquela criança apavorada, morta de medo da sua reação, morta de medo de estar grávida ou de ter contraído alguma doença: era óbvio que um bruto daqueles, um egoísta consumado, jamais usaria camisinha nas relações com as meninas, assim como nunca usara com a esposa. Mas agora, raciocinando melhor, Nezinha chegou à conclusão que era ele, o desgraçado, que devia ser estéril, não ela, como sempre tinha pensado. Estava evidente! Ainda bem...

Enquanto procurava consolar a mocinha aninhada em seu colo, chorando incontrolável, a tia lhe garantiu que soubera, de fonte segura, que o marido não usava camisinha porque sabia que era estéril. Isso, embora ainda não fosse uma certeza para Nezinha, serviria para dar um pouco de tranqüilidade e esperança à pobrezinha. E isso de fato aconteceu. Com a retirada desse fardo das costas e com a acolhida generosa da tia, Luisinha passou a sentir um enorme alívio e conseguiu, aos poucos, controlar

os nervos. Vivera semanas de puro pavor: não tinha ninguém mais no mundo que a pudesse valer. Tinha só treze anos e, se a tia a mandasse embora, não teria para onde ir. Por isso, por mais que quisesse, por mais que o remorso a atormentasse, não conseguia ter coragem de contar a verdade a Nezinha.

Foi aí que Nezinha concebeu o plano que iria implementar, dias depois, com a ajuda de padre Olegário e a contratação do detetive. A sobrinha, aliviada, agradecida e antevendo a chance de se vingar do malandro, prontificou-se a ajudar, a fazer qualquer coisa que a tia pedisse, desde que aquilo servisse para castigar o aproveitador e, por tabela, sua irmã mais velha.

A tia, então, instruiu a sobrinha a mudar de atitude, a fingir que aceitava o tio e que estava começando a gostar das coisas que ele fazia com ela. Quando o detetive chegou com as câmeras e microfones para esconder, Luisinha chegou a ajudá-lo na colocação dos mesmos. O homem a instruiu sobre as melhores posições a ocupar com o tio em frente às câmeras, colocadas no quarto das meninas, pois assim pegaria as atividades da outra sobrinha também. E Nezinha lhe disse o que ela deveria fazer e falar, para dar bastante corda no homem, quando estivessem nus, em plena ação e sendo gravados.

O flagrante armado ficou perfeito e com esse material Nezinha conseguiu a cooperação de Padre Olegário. O resultado foi apoteótico: o vagabundo havia dado no pé, apavorado como processo que viria em seguida. Estava agora em algum lugar incerto e não sabido, no raio que os parta, de preferência. E Nezinha esboçou um sorriso satisfeito, por um instante imaginando o raio partindo os dois, dezenas, centenas, de pedaços carbonizados espalhados pelo chão, puro deleite!

Bem, mas agora estava tudo em ordem, o casal de ordinários sumido para sempre, a sobrinha querida ali com ela, devidamente perdoada e acolhida, desmanchando-se, mais do que nunca, em amor e reconhecimento pela tia. E agora ela, Nezinha, tinha o negócio para tocar. Sim, ficara-lhe o armazém de secos e molhados, antiga loja conhecida no bairro há mais de vinte anos, com boa e sólida freguesia.

Chegara o dia de tomar posse de tudo. Certamente deveria estar uma bagunça, já que o coisa-ruim fugira correndo. Sabia que havia um cofre, onde provavelmente estariam documentos importantes, como contas a receber e cheques pré-datados. Teria que chamar um chaveiro, um especialista em abertura de cofres, pois Nezinha jamais soubera qual era a combinação do mesmo.

Mas esse trabalho e essa despesa foram poupados a Nezinha. Olinto, ao fugir, deixara o cofre aberto, escancarado. Pudera, o ladrão (mais uma qualidade a crescer à sua lista de péssimos predicados), tinha limpado o conteúdo do cofre, o dito cujo estava *vazio*!

Quanto mais Nezinha foi se inteirando da realidade do negócio, mais decepcionada, enfurecida e, finalmente, apavorada ela foi ficando. O peçonhento tinha levado tudo, mas tudo mesmo, que tivesse qualquer valor. Não só dinheiro em caixa e nos bancos, mas duplicatas a receber, cheques pré-datados, vales de fregueses. Em compensação, deixara uma pesadíssima herança: contas e mais contas a pagar: duplicatas vencidas e por vencer, promissórias de empréstimos bancários, papagaios mil, penduras de todos os tipos, fora a parte pior: impostos e salários atrasados. O fedorento havia fugido menos de uma semana antes do dia do pagamento de seus empregados, todos mensalistas. Agora, para poder continuar tocando o negócio, Nezinha teria que começar arranjando dinheiro para pagar a folha integralmente. *Desgraçado, filho de uma égua, cão do inferno!* Tinha fugido com o bem-bom, deixando para ela somente o cravo, os pepinos, os empregados olhando-a atravessado, desconfiados, pergun-tando se o pagamento ia ou não ia sair.

Nezinha, horrorizada, correu para o escritório de contabilidade que fazia a escrita da firma. Foi ali que ela entrou em pânico, teve dois desmaios rápidos, entremeados por igual número de crises violentas de choro. Na primeira vez chorou de desespero e susto; na segunda, de pura raiva. Ficou sabendo que era sócia minoritária da empresa, que era uma limitada. Seu nome estava envolvido no negócio, portanto. Isso quer dizer que ela também era responsável legal pelo mesmo. Se a firma quebrasse, ela quebraria junto, ficaria sem crédito na praça, teria ações movidas contra ela. Para piorar, o marido tinha colhido a assinatura dela em um monte de avais. Nezinha, tonta, assinava tudo que ele... *mandava* que ela assinasse. Nunca discutira essas ordens e agora...

Agora estava quebrada, sem fonte de renda par arcar sequer com as despesas da casa. Que dirá, com as despesas do armazém!

O vigarista, tinha deixado o inferno de herança para ela, *filho da puta, maldito, infeliz!*

Nezinha voltou arrasada para casa. A sobrinha viu, pressentiu que algo de muito grave acontecia. A tia tentou resistir, guardar o terrível segredo só para ela. Mas não deu, explodiu num choro berrado, entremeado de gritos de maldição contra o cachorro que havia aprontado mais esta para cima dela. O que é que ela podia fazer agora?

Bem, para começo de conversa, retirou de sua conta secreta de poupança todo o dinheiro que conseguira acumular, surrupiando um trocado aqui, outro ali e, principalmente, superfaturando o valor das compras de supermercado e mercearia, durante anos. Pois o valor mal deu para arcar com a folha de pagamento dos funcionários. Apavorada, Nezinha correu para a padaria, onde Manuel do Pão tinha um bem sortido mercadinho, vendendo gêneros de primeira necessidade por preços abusivos.

Manuelão do Pão

O estoque no armazém que agora era dela estava baixíssimo. E não incluía grande parte das coisas que uma família necessitava consumir. Isso Nezinha teria que comprar de Manuelão, ainda assim se ele concordasse em lhe fazer fiado.

Mas Nezinha não sabia que vender fiado era tabu para o português. Só ao entrar no escritório do homem foi que viu a tabuleta na parede, acima da cabeçorra careca do baixote: “*Fiado Nem Amanhã*”. A mulher foi murchando, murchando, ficou sem ação, sem palavra, não sabia mais por onde começar. Mas o português, sem qualquer sutileza, rude e direto, resolveu o impasse:

– Pois olhe a menina, eu cá com meus botões já estou a adivinhar o que a menina veio fazer aqui. Veio me pedir para comprar fiado, que me paga no fim do mês. Não é isso? – evidentemente Manuel, como todos no bairro, já estava a par da situação dela.

– É... Mas essa sua tabuleta...

– Pois, pois! A menina está a ver que eu não vendo fiado para ninguém, não faço exceção, é contra os meus princípios.

Nezinha baixou a cabeça e começou a chorar de mansinho, escondendo o rosto com as mãos. Pensou na sobrinha, nas duas empregadas fiéis, que trabalhavam há mais de dez anos na casa, exagero que o marido fazia questão de ostentar, dizia que dava respeito e admiração no meio daquela gentilha do bairro. Como ia ser agora? Teria que mandar as duas embora, é claro, mas mesmo assim sobrava o

problema de como pagar os salários delas e os respectivos acertos de contas. E havia coisa pior, mais premente: tinha que levar alguma coisa de comer para casa ainda hoje!

O desespero foi batendo mais forte, o choro de Nezinha foi ficando mais agudo, mais intenso. Com os movimentos meio desconexos que fez, acabou expondo uma parte maior do busto, a saia deixando agora entrever quase metade das coxas. Santo desespero, santos movimentos desconexos! Aquela foi toda a sua sorte.

O português, que até então não tinha prestado maior atenção à aparência da mulher sentada, em desespero, à sua frente, teve tempo de contemplá-la com vagar, enquanto esperava, meio sem jeito, que ela parasse de chorar. Abaixou-se devagarinho, ainda sentado em sua poltrona executiva, até poder olhar entre as coxas da moça. Esplêndido! Calcinha branca, branquinha, Manuelão já a imaginou na cama dele, só de calcinha, calcinha branquinha, e ele arrancando a peça com os dentes, hummm! A agonia chegou-lhe aos bagos, os pensamentos lúbricos fizeram a cabeça de baixo assumir o controle da operação, um perigo para os negócios. Enquanto o amigo lá em baixo intumescia, o duro coração do português proporcionalmente fazia-se mais mole.

Manuelão disfarçou, ergueu-se lentamente da poltrona, sem fazer barulho, colocou uma pasta de papel em frente à barriga, ocultando o valente pronto para a luta, e esgueirou-se passo a passo até bem junto da mulher, para poder observar de perto e de cima o detalhe dos seios, a saltar fartamente do decote, por causa da posição da moça. Felizmente ele era de baixa estatura, de modo que pôde se colocar por trás da cadeira da mulher e esconder o que não devia ser visto. Ali, olhando-a por trás, sentada, com a abertura dos seios generosamente exposta, Manuel do Pão sentiu a premência do desejo crescer ainda mais.

Apertou-se contra o encosto da cadeira de Nezinha, precisava daquele aperto lá em baixo, já que não podia botar a mão e se sentia literalmente explodir de tesão. A mão ele colocou na cabeça da moça, nos cabelos, enquanto tentou enrolar algumas palavras:

– Ora, ora, pois a menina pare de chorar que já está a me comover com o seu drama. Pois olhe que eu acho que vou abrir uma exceção, a primeira que faço na vida, só para a menina aqui. Acho que vou lhe abrir uma caderneta de fiado, sim. Mas veja lá, não me vá dar com a língua nos dentes e contar isso para ninguém mais, que eu nego tudo e corto o crédito na hora, entendeu?

Nezinha pareceu renascer das cinzas. Voltou-se para trás, tomou a mão que o português tinha sobre sua cabeça e a cobriu de beijos:

– Ah, obrigada, obrigada, Seu Manuel, Deus lhe pague! O senhor é um homem muito bom, teve piedade de mim. Obrigada.

– Ora, pois, pois. Não exagere. Vamos combinar o seguinte: como vamos manter isso em segredo, eu não quero que a menina me faça compras junto com os outros fregueses. Então vamos esperar que eu feche a padaria, o que eu faço às oito da noite. Aí a menina me vem com a sua lista de compras e a gente provê tudo o que tiver na casa para a menina.

Manuelão falou tudo isso firmemente agarrado à cadeira onde Nezinha estivera sentada. Esta levantou, estendeu a mão a seu bondoso benfeitor, e retirou-se lentamente, limpando os olhos com um lençinho que tirou da pequena bolsa. Quando a moça saiu, Manuel do Pão correu para o seu banheiro e ali, rapidamente, usou a mão para descarregar a enorme pressão, enquanto imaginava aquela cachopa

cavalcando em cima dele. O esguicho saiu-lhe tão forte e tão volumoso que ele passou boa parte da tarde com dor nos ovos.

E passou toda a tarde a lembrar da cachopinha, da visão das coxas, da calcinha branca, dos peitos salientes, ahhh... Como é que nunca reparara naquela moçoila? Sim, porque aquilo era mesmo uma mulher ainda nova, não devia ter muito mais que trinta anos. Engraçado, era uma mulher bonita, mas daquele tipo que não chama a atenção dos homens. Não tinha força de atração, não tinha formas exuberantes. Mas, olhando-a de perto e com tempo, revelara-se uma mulher interessante, havia algo nela que, exposto por sua fragilidade, conseguira despertar a lubricidade daquele homem.

E Manuel do Pão, raciocinado com os ovos, com a cabeça de baixo, aquela que não tem um pingão de bom senso, começou a empregar a outra cabeça, a que usa boné, para estabelecer um plano de ação e conquista. A cachopa estava praticamente na mão, era ter calma e jeito e ela teria que se render. Nisso a cabeça de cima teve mais lucidez e conseguiu se impor à outra, no áspero diálogo que se estabeleceu entre ambas. A inferior querendo resolver tudo na marra, na hora, tinha que ser hoje, tinha que ser esta noite! Nos momentos em que ela inchava e dobrava de volume, então! Aí mesmo é que ela esbravejava, tentando ganhar no grito. Mas a cabeça que tinha saudade dos negros cabelos de outrora era muito mais vivida, tinha um pouquinho de estudo e muita, muita perspicácia. Opôs-se veementemente às pretensões imediatistas da outra. *Não, senhora, de jeito nenhum, ó pá! Não me vais tu atrapalhar a conquista, não quero eu uma cachopinha ofendida a se entregar por chantagem tão somente e a me guardar raiva e rancor depois.* Ao que a outra retorquia: *Ó molengão, então tu vais deixar de comer esse pitéu ainda hoje, quando ela vem se entregar a noite no covil do lobo? És uma palerma, bem se vê. Então não está evidente que ela já entendeu tudo e vem pronta a dar o que queremos em troca do fiado?* Mas não houve acordo possível. A de cima predominou, sensata. A de baixo, até porque fora submetida a um processo de esvaziamento de tensão no banheiro, acabou por concordar, ainda que contrafeita. *Paciência espera-se até amanhã, então.* Mas a outra estava impossível: *Até amanhã uma ova, ó pá! Até quando eu decidir que é a hora, ouviste bem? Aqui sou eu que mando!*

E, caso raro de bom senso prevalecente, a cabeça superior ganhou a querela e impôs a sua vontade. Bendito banheiro!

Manuelão não iria cobrar nada nessa noite. Usaria a tática do bom samaritano, haveria de conquistar a gratidão da moçoila e depois da gratidão, quem sabe, seu coração. Se ela não desse o coração, então haveria de dar o rabo, sempre podia dar ouvidos à de baixo e dar uma prensa na mulher se ela não viesse por bem, na sedução.

Valia a pena tentar, afinal ali estava uma mulher séria, que todo mundo respeitava no bairro, assim com o padre, meio rata de sacristia. Não se podia acostrar uma mulher assim e achar que ela ia dar logo de saída. Não, o caso exigia calma, paciência, investimento. E o primeiro investimento era vender fiado. E aí deixar que a conta crescesse e ela ficasse com uma dívida bem grande. Então, chegada a hora, poderia executar a dívida, por bem ou por mal, escolha dela. Ou seria na cama ou seria no cartório de protestos. Ora, ora, mulher tem pavor de perder o crédito, o bom nome na praça, principalmente na vizinhança. Alguma dúvida? Não, Manuelão e sua cabeça superior não tinham nenhuma. Era só uma questão de paciência. E, portanto, de não deixar que a de baixo, sempre vitoriosa com quase todos os homens, escapasse de controle.

Manual do Pão era um homem experiente e vivido. Tinha mais de sessenta anos e um registro mais ou menos pobre de conquistas femininas. Primeiro, porque tivera que trabalhar como um escravo desde

bem pequeno, naquele mesmo ramo de negócios que herdara do pai, lá na sua Trás os Montes. Casara muito jovem com sua Catarina, moçoila de buço preto e temperamento do cão, difícil de dominar. Difícil também nas coisas de cama. Possivelmente porque tivesse sangue mouro, os vastos pentelhos até quase o umbigo o atestavam, embora não houvesse registro quanto a isso na família.

Pois essa Catarina moça, o que tinha de pentelhos tinha de quentura. Queria mais e mais, era um desparramo, um exagero, Manuel não dava conta. Tinha que levantar às três e meia da madrugada para preparar a primeira fornada de pão da manhã. E depois emendava o resto do dia no trabalho pesado, atendendo os fregueses, entregando pão nas casas, a pé e de bicicleta. Chegava em casa ao cair da noite, meio morto de cansaço. Nem bem chegava e já vinha aquela moura danada para cima dele, era um terror!

Terror porque Manuel sabia que não ia dar conta, mal conseguia funcionar uma vez, de tão cansado, mas a moura queria mais e mais. Aí ficavam ambos irritados. Ela por que insatisfeita, ele porque chateado pelo fracasso. Evidentemente uma situação assim só podia fazer o casamento degradingolar. Catarina perdeu todo o respeito pelo marido e este danou a comer cada vez mais e a engordar como um porco. Depois de uns dez anos de casados, ele já tinha o aspecto de uma pipa de vinho apoiada sobre dois finos gambitos. Para piorar, os cabelos deram para cair quase que de repente e, em pouco mais de dois anos, uma careca reluzente se afirmava em meio aos cabelos pretos remanescentes nas laterais da cabeça. Manuel, que nunca fora belo, ficou um espetáculo de feiúra!

Catarina acabou se aquietando, parou de importunar Manuel todos os dias, contentava-se com umazinha só uma vez por semana. Não há mesmo nada como o tempo para passar... A paz se fez no lar sem filhos dos Trindade e Gouveia. Sim, sem filhos, essa era outra tristeza de Manuel, já agora chamado de Manuelão, por causa da enorme barriga. Deus não lhe dera a felicidade de um Manuelzito, usaria esse seu mesmo nome para manter a tradição da família, longa de várias gerações. Um dos dois deveria ser estéril. Ora, evidentemente que só poderia ser aquela diaba louca por cama, mulheres assim nunca dão boas mães. Deus estava vendo isso lá de cima e não permitira que a infeliz pusesse crianças no mundo para serem mal criadas, carentes de mãe.

Mas um dia a paz de Manuelão, conquistada a duras penas, ruiu por terra. Um bilhete anônimo, uma campana e lá estava a safada rolando no paiol com o filho do vizinho, moleque de seus dezesseis anos. Manuel deu uns safanões nos dois, o moleque conseguiu escapar e sumiu do lugar. Mas a mulher teve que agüentar toda a raiva e frustração do marido. Apanhou sem parar de chamá-lo de frouxo, de molengão, de ruim de cama, de gordo brocha e muito mais. Apanhou e bateu. Apanhou de tapa, soco e pontapé. E bateu de boca, de palavras duras, de acusações de incompetência, corno porque merecia, *paneleiro*, não podia ser homem de verdade. Ser chamado de *paneleiro* deixou Manuel completamente possesso e ele reforçou o estoque de pancadas. Aí chegaram os vizinhos e conseguiram apartar o entrevero.

Mas o dano já estava feito. Reputação de corno acabava com qualquer um por ali. E Manuel não era homem de matar ninguém, não lavaria sua honra com sangue, única forma de comprar o indulto daquela gente. Logo nos primeiros dias, tendo Catarina voltado para a casa dos pais na cidade do Porto, Manuel viu seu negócio degradingolar. Pouca gente ia buscar o pão em seu estabelecimento, a outra panificadora do lugar cresceu com a procura, apesar de fazer um pão de sofrível qualidade. Era o fim. Não lhe restando outra opção, despediu-se dos parentes e embarcou de segunda classe para o Brasil, desembarcando no porto de Santos e, dali, seguindo para São Paulo. Trazia referências para vários trasmontanos já influentes na capital e foi muito bem recebido pela comunidade. Dessa forma, com muito trabalho e muita economia, conseguiu se estabelecer ali no bairro do Brás, prosperou, e agora, na quadra dos sessenta anos, podia-se dizer que era um vitorioso.

Quanto a mulher, ficou escaldado com Catarina. Nunca mais quis saber de outra esposa. Usava apenas os serviços profissionais de algumas garotas de programa, isso ocasionalmente, quando a pressão subia muito nos bagos. Acostumado e economizar cada tostão duramente ganho, Manuelão detestava ter que dar dinheiro a putas. Mas, de vez em quando, que remédio... Mas isso depois de muito regatear, pedir desconto ao telefone, botar defeito no serviço depois da execução, recusar-se a pagar o taxi. Enfim, toda e qualquer manobra mesquinha que permitisse poupar alguns caraminguás.

Mas agora Manuel do Pão estava pensando seriamente em mudar de vida. Aquela moçoila, tão mal casada com aquele ordinário arruaceiro, beberrão, putanheiro e desonesto, era, sem dúvida, uma mulher muito séria, de muito respeito. Merecia uma segunda chance, a oportunidade de encontrar um homem sério como ele, recomeçarem os dois a vida juntos, quem sabe? Manuel começou a acalantar essa idéia na cabeça brilhante – brilhante, obviamente, por fora, por causa da luzidia calva.

E havia o outro fator: há muitos e muitos anos que uma mulher não lhe dava nos bagos como essa cachopa lhe dera. Pois não tivera que correr para o banheiro, como um colegial, logo após a saída dela? Ora, isso era um bom sinal. Por Catarina, por exemplo, ele jamais havia sentido isso. Casara com ela por imposição das famílias. Mas agora estava cogitando seriamente em fazer a corte com calma à ex-mulher de safado do Olinto, o comerciante mais desonesto do Brás, o papa-sobrinhas fujão, ladrão descarado, que havia levado todos os valores e deixado a esposa com o cravo e a ferradura.

Sim, sim, Manuelão pensava. Pobre da cachopinha, já não chegavam todos os anos em que teve que agüentar o maroto a lhe fazer tratantadas e enfiar-lhe os cornos de todos os modos imagináveis, enquanto que ela se mantinha esposa virtuosa e pura, um despautério! E agora que ela estava na maior agonia, ente a cruz e a caldeirinha, como é que ele, um honesto comerciante, um homem de hábitos moderados, viria a agir com ela exatamente como um marginal, que nem seu ex-marido? Não, a maldita cabeça de baixo que se aquietasse, não seria ele a fazer uma tratantada daquelas, não seria ele a expor a menina a outro dissabor do mesmo tipo. Afinal, que iria ela pensar dos homens depois disso?

Ora, bem assustado ficaria nosso bom panificador, se soubesse o que Nezinha pensava dos homens já agora. Não havia a menor necessidade de ele também aprontar tratantadas para cima dela para a moça pensar que os homens, com exceção única e exclusiva de Padre Olegário, simplesmente não prestavam! E ponto final.

Nezinha tinha horror a homem e horror a sexo, Ou seja, tinha horror a sexo por causa dos homens. Não, não está justo: tinha horror a homem e horror a sexo por causa de *um* homem. Ah, agora sim! Tinha horror a sexo por causa do único homem que conhecera sexualmente na vida, o arquitado e arquigrosso Olinto. E já se contou aqui por que razões, por que múltiplas razões. Desnecessário repetir.

Passemos então aos finalmentes. Em que resultou toda essa confusão de sentimentos? De um lado do ringue temos, pesando escassos 55 quilos, Nezinha Osório, campeã peso-pena das desiludidas e revoltadas com o sexo e com os homens, multicornas de longa duração. No outro canto temos Manuel Gouveia, cento e dezoito quilos bem montados em cima de um metro e sessenta de altura, também ele multicornas de longa data, pois o flagrante que havia dado em Catarina com o garoto do vizinho revelara apenas um dentre os vários adornos que construíram sua volumosa galhada em terras lusitanas. Também ele, como Nezinha, era um desiludido do amor, descrente da fidelidade das mulheres, descrente também de sua capacidade de satisfazê-las sexualmente, aqueles monstros insaciáveis, libertinas de uma figa, prontas a adornar seus maridos e a se comportarem como putas, Pois, se putas iam ser, putas muito caras lhe saíam. A bem da segurança e da economia, preferira ficar com as putas

propriamente ditas, as profissionais.

E agora tínhamos aquele embate pronto a receber o sinal inicial. Que coisa mais despropositada! Como é que duas criaturas tão resabiadas, traumatizadas mesmo, enregeladas nas partes e nas mentes quanto ao sexo oposto, poderiam ter alguma chance de entendimento e – mais difícil ainda – de felicidade?

Pois é, não tinham. Mas mesmo assim tentaram, diga-se a bem da verdade. Foi assim: Manuelão recebeu Nezinha aquela noite na padaria fechada e tratou-a com todo o respeito, não a deixando suspeitar de suas reais intenções. Serviu-a de um tudo o que ela tinha em sua lista de compras, oferecendo-se ainda para mandar buscar e entregar na casa dela os pouco itens que não tinha em estoque. Fez mais; deu à nova cliente um desconto geral de 15% nos preços, apesar de lhe vender fiado, um autêntico despautério, como diria o próprio Manuel. Mas por trás disso havia a sadia intenção de fazer a moça endividar-se o máximo possível, no mínimo tempo possível. Tê-la inteiramente entalada em suas mãos, através da dívida, era a filosofia do projeto. Manuelão estava fazendo sua parte.

Nezinha também fez a sua. Sem fonte de renda, despedindo os empregados da loja um a um e gastando os escassos recursos das poucas vendas (que só podia fazer à vista agora, perdendo assim o que restara da clientela) para fazer pagamento de salários e demissões no sindicato da categoria, Nezinha passou a depender cada vez mais da boa vontade de Manuel Português para comer e alimentar sua sobrinha. As empregadas tiveram que ir embora sem receber seus acertos na hora, a patroa tivera que desdobrar as promessas de pagamento em doze prestações mensais. As moças aceitaram, que remédio!...

Ao cabo de três meses Nezinha estava completamente endividada com Manuel do Pão. Tinha vergonha de pedir mais coisas, mas também não tinha mais ninguém a quem recorrer. Foi então que Manuelão jogou – e jogou certo – sua cartada definitiva. Foi diretamente ao Papa. Que, no presente caso, atendia pelo santo nome de Padre Olegário.

Pois o esperto e conservador Manuel foi ao padre para... pedir-lhe a mão de Nezinha em casamento, veja só! O padre levou um susto: onde já se viu tamanho absurdo, alguém pedir a mão de uma moça a um padre! E casada, ainda por cima! Mas Manuelão não desistia fácil. Passou a infernizar a vida do coitado do padre, até que este começou a achar que a idéia era de fato conveniente. Sabia o quanto Nezinha estava endividada com o português. Sabia que este estava sendo extremamente generoso com a moça, algo que não era do seu feitio de negociante bem sucedido. Tinha mais: esse ávido negociante não só abria a exceção do fiado para Nezinha, como, pasme-se, deixara de cobrar juros sobre a dívida acumulada.

Ora, raciocinou o padre, pragmático: mata-se dois coelhos com uma só cajadada: satisfaz-se o desejo do homem e zera-se a dívida de Nezinha. E olhe que o português havia sido tremendamente correto e respeitador. Não se aproveitava de sua condição de credor para fazer propostas indecentes à devedora,

(Continua na página 57 do livro)